

O DIÁRIO DE CAMPO: UMA FERRAMENTA DE REFLEXÃO PARA O PESQUISADOR-PROFESSOR

DOI 10.5281/zenodo.14759114

Marta Aparecida Broietti Henrique¹

Resumo: O diário de campo é um gênero e um documento que pode contribuir para evidenciar posicionamento e avaliações do pesquisador em relação ao processo de pesquisa. Nesse sentido, objetivo deste trabalho é reconhecer como os mecanismos enunciativos são utilizados para evidenciar as avaliações do enunciador do texto, considerando o contexto de produção, e apontar como as vozes evidenciam as instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que é expresso no texto. O estudo faz análise de três diários de elaborados pela própria pesquisadora e autora deste artigo durante a realização de uma pesquisa de doutoramento e aponta como principais resultados: a) a forma como o contexto de produção é manifestado; b) a predominância do uso da modalização deôntica, cuja função é evidenciar o “dever”, e a modalização apreciativa, cuja função é avaliação do autor do texto diante das situações; e c) o emprego das três vozes: do autor, de personagens e voz social. Por fim, conclui que o autor do texto expressou no diário de campo a dualidade do que “deveria” realizar e justifica suas ações por meio da escrita, bem como evidencia a voz sua própria voz, quando expressa em primeira pessoa o acontecimento juntamente com de personagens e a voz social.

Palavras-chave: diário de campo; linguagem escrita; responsabilidade enunciativa.

THE FIELD DIARY: A REFLECTION TOOL FOR THE RESEARCHER-TEACHER

Abstract: The field diary is a genre and a document that can contribute to highlighting the researcher's position and evaluations in relation to the research process. In this sense, the objective of this work is to recognize how enunciative mechanisms are used to highlight the enunciator's evaluations of the text, considering the context of production, and to point out how voices highlight the instances that assume or are responsible for what is expressed in the text. The study analyzes three diaries prepared by the researcher and author of this article during her doctoral research and highlights the following as the main results: a) the way in which the production context is manifested; b) the predominance of the use of deontic modalization, whose function is to highlight the “duty”, and appreciative modalization, whose function is to evaluate the author of the text in the face of situations; and c) the use of three voices: the author, characters and social voice. Finally, it concludes that the author of the text expressed in the field diary the duality of what he “should” do and justifies his actions through writing, as well as highlighting his own voice, when he expresses the event in the first person together with that of characters and social voice.

Keywords: field diary; written language; enunciative responsibility.

LE CARNET DE TERRAIN: UN OUTIL DE RÉFLEXION POUR LE CHERCHEUR-ENSEIGNANT

Résumé: Le journal de terrain est un genre et un document qui peut contribuer à mettre en valeur la position et les évaluations du chercheur par rapport au processus de recherche. En ce sens, l'objectif de ce travail est de reconnaître comment les mécanismes énonciatifs sont utilisés pour mettre en valeur les évaluations du texte par l'énonciateur, en tenant compte du contexte de production, et de souligner comment les voix mettent en valeur les instances qui assument ou sont responsables de ce qui est

¹ Doutora em Estudos Linguísticos e docente do Centro Universitário de Presidente Prudente (UNIPRUDENTE). <https://lattes.cnpq.br/8890914874101415>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4986-4454>. E-mail: broietti@uol.com.br

ISSN: 29659825

exprimé. dans le texte. L'étude analyse trois journaux intimes préparés par la chercheuse et auteure de cet article au cours de sa recherche doctorale et met en évidence comme principaux résultats : a) la manière dont se manifeste le contexte de production ; b) la prédominance du recours à la modalisation déontique, dont la fonction est de mettre en évidence le « devoir », et à la modalisation appréciative, dont la fonction est d'évaluer l'auteur du texte face à des situations ; et c) l'utilisation de trois voix : l'auteur, les personnages et la voix sociale. Enfin, il conclut que l'auteur du texte a exprimé dans le journal de terrain la dualité de ce qu'il « devrait » faire et justifie ses actions par l'écriture, ainsi qu'en mettant en valeur sa propre voix, lorsqu'il exprime l'événement à la première personne avec celui des personnages et de la voix sociale.

Mots-clés : journal de terrain ; langue écrite; responsabilité énonciative.

EL DIARIO DE CAMPO: UNA HERRAMIENTA DE REFLEXIÓN PARA EL DOCENTE-INVESTIGADOR

Resumen: El diario de campo es un género y un documento que puede contribuir a resaltar la posición y valoraciones del investigador en relación al proceso de investigación. En este sentido, el objetivo de este trabajo es reconocer cómo se utilizan mecanismos enunciativos para resaltar las valoraciones que el enunciador hace del texto, considerando el contexto de producción, y señalar cómo las voces resaltan las instancias que asumen o son responsables de lo expresado. en el texto. El estudio analiza tres diarios elaborados por la investigadora y autora de este artículo durante su investigación doctoral y destaca como principales resultados los siguientes: a) la forma en que se manifiesta el contexto de producción; b) el predominio del uso de la modalización deóntica, cuya función es resaltar el “deber”, y la modalización apreciativa, cuya función es evaluar al autor del texto ante las situaciones; yc) el uso de tres voces: el autor, los personajes y la voz social. Finalmente, se concluye que el autor del texto expresó en el diario de campo la dualidad de lo que “debe” hacer y justifica sus acciones a través de la escritura, además de resaltar su propia voz, al expresar el suceso en primera persona junto con el de los personajes y la voz social.

Palabras clave: diario de campo; lenguaje escrito; responsabilidad enunciativa.

1 Introdução

O diário de campo é um instrumento do pesquisador que serve para registrar as atividades realizadas durante uma investigação, bem como uma forma de ajudar o diarista a refletir sobre seu trabalho. Assim, mesmo em uma situação limítrofe entre a descrição dos fatos e a expressão subjetiva, a identificação de aspectos não observados durante uma situação de sua construção em um momento posterior às atividades pode promover uma autorreflexão que, por vezes, é ignorada na investigação científica, levando-se em conta que a produção do diário explicita algumas emoções do próprio pesquisador.

Diante desse cenário, este trabalho parte da seguinte questão: como as unidades linguísticas empregados na escrita do diário de campo evidenciam as avaliações e a responsabilidade expressas no texto?

ISSN: 29659825

Para responder à questão, objetivo deste trabalho é reconhecer como os mecanismos enunciativos são utilizados para evidenciar as avaliações do enunciador do texto, considerando o contexto de produção, e apontar como as vozes evidenciam as instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que é expresso no texto

Este estudo faz uso de uma pesquisa documental, uma vez que toma como objeto de análise diários de campo que constituem uma forma de registro das atividades realizadas por um(a) pesquisador(a). Os diários de campo² utilizados neste trabalho fazem parte de uma tese de doutorado que foi construída com base no método pesquisa-ação e que coletou diversos materiais para posterior análise, como textos de alunos e ferramentas didáticas (modelo didático, sequência didática, grade de avaliação) construídas pelo professor-pesquisador.

Ressaltamos que, embora os diários de campo tenham sido produzidos pela autora deste artigo durante a pesquisa de doutorado, o material não foi utilizado textualmente na tese, somente para consulta da própria pesquisadora e agora para este trabalho.

O artigo está organizado apresenta algumas considerações teóricas em relação ao desenvolvimento e da própria escrita reflexiva nesse processo. Em seguida, apontamos como os mecanismos enunciativos, verificados em nosso diário de diário de campo, enquanto atividade de escrita, atuam na “responsabilidade enunciativa” do texto, explicitando as vozes que são colocadas na trama textual e as avaliações que emergem pelas modalizações.

A sustentação teórico-metodológica deste trabalho é interacionismo sociodiscursivo (ISD), cujas bases remontam à perspectiva vigotskiana em relação ao desenvolvimento humano e relação entre os mundos de Jugman Habermas (Bronckart, 2015).

² Pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE: 57625816.6.0000.5466). Data da aprovação pelo CEP: 19/09/2016.

ISSN: 29659825

2 Escrita: uma prática de desenvolvimento humano

Nossa perspectiva sobre o papel da escrita no desenvolvimento humano parte principalmente das ideias do pesquisador bielorrusso Lev Semenovich Vigotski que diferenciou as estruturas *elementares*, condicionadas biologicamente, das estruturas superiores (funções psicológicas superiores) (Vigotski, 2008). Procurou compreender como essas últimas consistem em processos psicológicos mais complexos do comportamento humano, desenvolvidos de forma consciente e voluntária. Entre estes inclui a capacidade de imaginar coisas inexistentes, tomar decisões e planejar suas ações (Oliveira, 2005).

Friedrich (2012, p.53-7) considera, com base em Vigotski, que os instrumentos psicológicos são responsáveis por fazer surgir as funções psíquicas superiores, como “a atenção voluntária ou a memória lógica” e, portanto, são “fenômenos psíquicos mediatizados”. A autora aponta que existe uma distinção entre os dois tipos de instrumentos: uma vez que uma ferramenta de trabalho assume uma forma material, é objeto que incorpora formas feitas de certos materiais e com uma finalidade, ou seja, a tesoura (de metal ou plástico) serve para cortar tecido/papel/plástico ou outra superfície; enquanto que os instrumentos psicológicos não possuem formas físicas, não estão no mundo exterior, pois consistem em “atividade psíquica” do indivíduo, exerce um meio de se autorregular e autocontrolar.

Entre os diferentes instrumentos psicológicos de Vigotski estão: as obras de arte, os símbolos de álgebra, os esquemas/diagramas/mapas, a linguagem e a escrita, isto é, a simbologia de modo geral. Acrescenta que três aspectos definem um instrumento psicológico: “1) é uma adaptação artificial”; 2) possui uma natureza social; e 3) reserva-se a controlar os “próprios comportamentos e dos outros” (Friedrich, 2012, p. 58).

Oliveira (2005, p. 42-3) aponta que, para Vigotski, a linguagem, enquanto um instrumento psicológico, será ela capaz de mediar o processo de “intercâmbio social”, ou seja, realizar a comunicação entre com outros seres humanos, com o uso de signos conhecidos por um coletivo, que expressem ideias, sentimentos, desejos. Segundo a autora, outra função da linguagem é fundar o “pensamento generalizante”, uma vez que linguagem organiza e agrupa o real: eventos, situações, objetos, sentimentos,

ISSN: 29659825

emoções. A linguagem fornece a capacidade de categorizar “os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento”.

Friedrich (2012, p.83) mostra que, por meio de experimentos, Vigotski confirmou que a linguagem tem um papel primordial no desenvolvimento humano, pois é com a colaboração das palavras que a criança poderá formar os conceitos. A linguagem é o meio pelo qual a criança constrói associações com as coisas. Assim, o “pensamento” não se manifesta na palavra, na verdade ele “se realiza na palavra”.

A ideia defendida pelo pensador bielorrusso é a de que as palavras atuam como “um papel de instrumento psicológico” (Friedrich, 2012, p.83) e corroboram para que as crianças formulem os conceitos. Os experimentos realizados por Sakhrov e Vigotski permitiram ao pesquisador afirmar que “as palavras *guiaram* e *dirigiram* o processo de formação de conceitos” (destaques da autora) (Friedrich, 2012, p.85). Para ele, o pensamento só é realizado por meio da palavra. Friedrich considera que esses experimentos possibilitam constatar que o pensamento e linguagem não constituem dois processos distintos, mas sim “um único e mesmo processo”.

Consideramos, dessa forma, que o desenvolvimento humano pode ser entendido como contínuo e as interações sociais podem contribuir de fato para isso. Adultos aprendem e desenvolvem por meio das experiências, de vivências significativas que lhes permitem “a organizar e reconstruir uma significação de conjunto mais rica e positiva” sobre os acontecimentos (Bronckart, 2015, p.109).

Imbuídos dessa perspectiva, acreditamos que o diário de campo, enquanto prática de escrita, consiste em um instrumento simbólico no trabalho do pesquisador, cuja função é colaborar para o reconhecimento de situações significativas para a constituição da pesquisa que tanto no momento da aplicação quanto da sua escrita pode ficar apagadas. Por isso, compreendemos que a escrita do diário de campo possibilita-nos refletir sobre o agir humano, uma vez que é a partir das produções de linguagem que explicitam motivos, intenções e seus sentimentos.

2.1 O diário de campo: instrumento de pesquisa do professor

ISSN: 29659825

Neste estudo, defendemos que o processo de reflexão por meio da escrita não serve apenas para os alunos, pois as interações em sala de aula são fontes de desenvolvimento do aprendiz e do professor.

Destacamos o papel do diário de campo, instrumento de coleta de dados, que escrevamos logo após as aulas. Logo, a escrita do diário de campo, enquanto manifestação de si, permite ao escritor pensar sobre os acontecimentos visando “a transformação dos processos psíquicos pela apropriação” (Schneuwly, 2004, p. 145) desse “instrumento semiótico”, resultando em seu desenvolvimento.

Detalhada pesquisa feita por Machado (1998) mostra que a atividade de produzir diário não é recente, mas ganhou destaque a partir do século XIX e tem se intensificado nos últimos anos pela difusão de acontecimentos particulares ao público por meio dos meios de comunicação. Atualmente, mesmo que de forma diferente, a prática do diarismo vem se transformando e ganhando um contorno diferente pelo tom confessional que se percebe em postagens em redes sociais, com grande alcance na internet.

Machado (1998) considera que o diarismo tem se constituído também com grande profusão nos meios literários (diários com apontamentos de escritores), científicos (anotações sobre a “verdade do pesquisador”), principalmente nas Ciências Sociais, e em investigações educacionais são entendidos como “instrumento de pesquisa” e instrumento de ensino-aprendizagem.

De acordo com a autora, o gênero diário é prefigurado pelo objetivo de quem escreve, pela situação em que é escrito e pela relação de interlocução do diário, ou seja, a que se destina aquela produção. Assim, o produtor escolhe quais elementos linguísticos ele irá inserir em seu diário (tempo verbal, implicação da primeira e segunda pessoa, elipses, estrutura sintática empregada), com uso de uma linguagem mais familiar ou mais formal. Diante disso, sob o rótulo de diário, existem diferentes gêneros: diário íntimo, diário de viagem, diário espiritual, diário de pesquisa, diário de leitura, diário de aula. Esses diferentes diários podem assumir uma estrutura muito variada a depender da função social a que estão submetidos.

Machado (1998, p.141) aponta ainda que os diferentes diários de campo têm desempenhado duas funções principais: uma intrapessoal, quando leva o escritor-pesquisador a reconhecer como “noções pré-teóricas” estão implicadas na pesquisa

ISSN: 29659825

à “autocrítica” e ao “autocontrole”; e outra interpessoal quando revela à subjetividade do pesquisador e conduz a um “diálogo crítico”.

Desse modo, o diário de campo é reconhecido como um instrumento de coleta de dados de pesquisa, como também, no caso específico da área educacional, um instrumento de desenvolvimento para o professor quando constitui um “diário de aula”. Zabalza (2004) considera que a escrita de um diário pode revelar situações “conflitantes” e “contradições” durante a atuação docente e justamente por isso é capaz de levar aquele que o escreve à reflexão.

Para o mesmo autor, os diários também podem ser um recurso produtivo para a “pesquisa-ação”, uma vez que podem promover “revisão e análise” da própria atuação da atividade desenvolvida durante a investigação científica. Nesse sentido, ao descrever e narrar fatos ocorridos, o pesquisador pode tanto tornar consciente sua prática, com a identificação do que aconteceu, e ao mesmo tempo recodificar sua prática, com a transformação da ação em texto.

Zabalza (2004, p.27-8) ainda aponta que a escrita dos diários pode permitir que o processo de aprendizagem em cinco etapas: torna os sujeitos progressivamente mais conscientes de seus atos; possibilita uma visão “analítica” das “práticas” recolhidas no diário; investiga a fundo o que significam as ações; e propicia que se inicie um “novo ciclo de atuação profissional”.

Cientes de que o diário de campo pode ser utilizado tanto documentação pessoal quanto como instrumento de coleta de dados, nesta pesquisa, servimo-nos dele como uma fonte de registro pessoal dos acontecimentos em sala de aula e que, passado o momento de aplicação, contribuiu para a compreensão de questões que surgiram durante as interações em sala de aula. Portanto, neste caso, o diário de aula é também um diário de campo, configurado pelas anotações constituídas por narrações de fatos, descrição de ações, bem como nossas reflexões. Isto porque o campo de pesquisa é necessariamente o espaço da sala de aula.

Triviños (1987) chama os registros realizados pelos pesquisadores de “anotações de campo”. O autor considera que tais notas cumprem diferentes funções essencialmente descritivas, caracterizando fenômenos físicos e sociais, assim como a visão particular, reflexiva, de quem pesquisa sobre as ações dos sujeitos de pesquisa. Essas anotações podem ter uma formatação prévia contando com itens

ISSN: 29659825

técnicos a serem descritos (local, data, horário, coordenador da pesquisa etc.) ou podem apresentar observações livres. Podemos perceber que essas anotações podem ser o que estamos considerando aqui como diário de campo, a depender da forma como é escrita pelo pesquisador.

De modo geral, os diários podem ser considerados por apresentar uma visão sobre os acontecimentos das aulas e, segundo Zabalza (2004), podem ser associados a outros dados de pesquisa. Isto porque investigações de natureza qualitativa devem ser associadas a diferentes perspectivas, pois são desenvolvidas pela “interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a coleta de dados num instante deixa de ser tal e é análise de dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações” (Triviños, 1987, p.137).

Como dissemos, escrever o diário de aula/campo pode ser, além de uma forma de registro, uma maneira de nos provocar para impressões, questionamentos, avaliações e inquietações sobre a situação em que nos encontramos, enfim pode ser um instrumento de reflexão, em uma perspectiva vigostkiana, propiciada pela prática escrita, capaz de revelar os desafios da atividade docente pelos olhos do próprio profissional.

Diante das perspectivas vigostkiana, defendemos que o diário de campo consiste em um gênero da modalidade escrita, produzido pelo pesquisador, uma vez que ele pode ser um instrumento de reflexão do pesquisador visando ao desenvolvimento da pesquisa e do próprio pesquisador. Especificamente, neste trabalho, aponto como o diário contribui para uma reflexão posterior a aplicação da pesquisa de doutorado, já num momento posterior a própria defesa.

Essa visão está alicerçada na concepção de Schneuwly (2004, p.26-7) de que o gênero é “um instrumento semiótico complexo”, que orienta a ação de produzir quanto a compreender os textos. Por isso, acreditamos que pela perspectiva de gênero de texto que o diário de campo pode colaborar para que possamos como numa produção de linguagem (fala ou escrita) o ser humano se guia por “parâmetros da situação que guiam a ação”.

3 Procedimentos Metodológicos

ISSN: 29659825

O estudo parte do método documental cuja função é analisar materiais que ainda não foram descritos. Segundo Gil (2002, p.46), a pesquisa documental tem como fonte diferentes documentos de primeira mão, como “cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.” e documentos de segunda mão, como: “relatórios de pesquisa, relatórios de empresa, tabelas estatísticas etc.”. Nesse sentido, o diário de campo, enquanto objeto de análise deste trabalho, é considerado um documento da pesquisadora de primeira mão, já que ainda não foi estudado.

O quadro de análise utilizado aqui é proposto pelo belga Jean Paul Bronckart, criador da abordagem chamada de interacionismo sociodiscursivo (ISD). Ele construiu um quadro para configurar os gêneros não apenas para atividades de ensino de escrita, mas sobretudo para compreender “a ciência do humano”, considerando o funcionamento da linguagem enquanto aspecto fundamental para o desenvolvimento humano (Bronckart, 2006).

Em sua concepção, o gênero se configura uma forma social de manifestação da linguagem, estabelecido primordialmente pelas unidades linguísticas e secundariamente pelo contexto de produção. Para Bronckart (2006, p.10), a abordagem do ISD, a análise de um gênero tem o papel precípua de que “*as práticas linguageiras situadas (ou os textos-discursos) são os instrumentos principais do desenvolvimento humano, tanto em relação aos conhecimentos e aos saberes quanto em relação às capacidades do agir da identidade das pessoas*” (destaque do autor).

Segundo o autor, essa visão parte do princípio de que a linguagem não serve apenas como uma forma de “expressão”, ela é, em última instância, um “instrumento fundador e organizador” dos processos mentais que permitem aos seres humanos perceberem, realizar atividades cognitivas e ter diferentes sentimentos. Com isso, os humanos podem ativar as “funções psicológicas superiores”, possibilitando que a partir do estudo da linguagem, consigamos identificar “condutas ativas (ou ‘agir’) e o pensamento consciente” (Bronckart, 2006, p.122).

Nesse sentido, a análise proposta neste artigo toma como *corpus* 3 diários de campo de um total de 17 realizados durante a pesquisa:

- Diário 1 – para demonstrar a situação inicial da aplicação da pesquisa;

ISSN: 29659825

- Diário 9 – para demonstrar a primeira etapa, isto é, a metade do processo de aplicação de pesquisa realizada;
- Diário 16 – para demonstrar a situação final da aplicação da pesquisa, neste caso, a última aula com conteúdo foi a penúltima, já que o Diário 17 se refere a uma aula apenas para devolução de trabalhos e atividades, sem conteúdo específico.

As discussões que são apresentadas aqui estão ligadas a 17 diários de campo escritos durante a aplicação de uma ferramenta de ensino denominada de sequência didática (SD) em uma turma de um curso de Pedagogia de uma instituição privada de ensino superior (Autor, 2019).

É preciso ressaltar que naquele momento os diários de campo escritos após cada aula não integraram diretamente a tese, mas serviram como um momento de reflexão do que havia sido acontecido em cada encontro com a turma e análise dos dados. Nesse sentido, a escrita dos diários de campo logo após o término das aulas teve um papel de “instrumento” no sentido vigotskiano para nosso desenvolvimento e posteriormente com uma fonte de informações sobre os fatos acontecidos.

Apesar de os diários serem nossos, não se trata de uma discussão terapêutica ou catártica. Isto porque entendemos que muitas vezes o próprio pesquisador se questiona sobre a validade e necessidade de utilizar determinadas formas de coletar dados. Esse questionamento está relacionado à objetividade e ao distanciamento necessário dos dados para a composição da pesquisa. Contudo, nossa ideia é colaborar com a prática de registro dos dados durante a investigação à disposição do pesquisador.

Florence Weber (2009, p.163) afirma que, nos diários de campo, a data, a ordem cronológica, é um dado fundamental para compreender como se desenvolve a atividade de pesquisa. Segundo a autora, as anotações observadas são descritas, contudo também narram, devido à intensidade com que as interações ocorrem, como as ações são desenroladas cronologicamente. “Se as interações não podem ser compreendidas fora de seu desenrolar temporal, é porque elas têm lugar no âmbito de um interconhecimento”. Por isso, optamos por apresentar três dos 17 diários de campo observando o início, o meio e o fim da aplicação da pesquisa em sala de aula.

ISSN: 29659825

Quanto às categorias de análise, faremos uso da perspectiva de Bronckart (1999, 2013) que mostra que a configuração de gênero textual se dá a partir de três níveis ou camadas, denominadas de folhado textual:

- **Contexto de produção:** objetivo, emissor/destinatário, suporte, lugar de interação, intertexto (outros textos com os quais o texto produzido mantém um diálogo de forma identificável), contexto imediato e contexto social mais amplo;
- **Infraestrutura:** plano global, tipo de discurso (discurso interativo, discurso teórico, narração, relato interativo) e sequências;
- **Mecanismos de textualização e:** coesão nominal³ e coesão verbal, conexão/
Mecanismos enunciativos: vozes e modalização.

O quadro de análise de Bronckart é bastante extenso e complexo. Por isso, tendo em mente os limites deste trabalho, apresentaremos dois níveis de análise: o das condições de produção dos diários de campo e dos mecanismos enunciativos, ou seja, as vozes e a modalização.

Bronckart (1999, p.319) considera que esses mecanismos são responsáveis por estabelecer a “coerência pragmática do texto”, cumprindo duas funções: de tornar evidente as variadas “avaliações” que “podem ser formuladas a respeito de um ou outro ponto aspecto do conteúdo temático”, como também de as “próprias fontes dessas avaliações”, indicando quem as posições assumidas pelas instâncias presentes no texto.

Bronckart (1999, p.330) afirma que as modalizações têm a função de expressar “comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”. Podem ocorrer em qualquer parte da “arquitetura textual” e “pertencem à dimensão configuracional do texto”. Por isso, colaboram para que se estabeleça a “coerência pragmática ou interativa”, guiando o processo de interpretação do conteúdo temático do destinatário. Em síntese, essas modalizações funcionam na forma como o destinatário compreenderá o texto. Para o autor, existem quatro tipos de modalização: lógica, deôntica, apreciativa e pragmática, conforme se vê no quadro 2.

³ Em português, chamamos de coesão referencial.

ISSN: 29659825

Já quanto a outra forma de estabelecer o posicionamento enunciativo são as vozes. Segundo Bronckart (1999), existem três tipos de vozes que podem se manifestar no texto: a voz do *autor* (manifestada pela primeira pessoa); a voz de *personagem* que pode ser um ser imaginário ou pode ser um também agente de acontecimentos, locutores em “discursos interativo dialogado” ou “criadores de conhecimentos” que são colocados nos discursos teóricos; e a voz do *autor* que manifesta as avaliações e comentários da pessoa que produz o texto.

4 Análise dos diários de campo

4.1 O contexto de produção do diário de campo

O diário de campo pode ser constituído por notas, mas normalmente é um texto coeso, como uma sequência de frases, orações, períodos, que busca, segundo Falkembach (1987), apresentar as relações estabelecidas no ambiente da pesquisa, em particular da educação, “o meio físico e social” em que ocorre a pesquisa, as “visões de mundo” dos pesquisados e a organização social do grupo pesquisado, garantindo que os registros sejam suficientes para que o pesquisador consiga compreender o que separar a descrição da interpretação daquele momento. Para a autora, o diário de campo tem o objetivo de fornecer dados que a “memória” possa não recordar.

Nos diários em questão, temos a identificação do número do diário e da data, todos foram digitados e fazem parte de um relato corrente. Não são notas aleatórias, mas um texto que descreve a aula desde seu início até o seu final, em uma sequência cronológica, alternando comentários da professora-pesquisadora, como podemos ver no trecho abaixo.

Comecei explicando o projeto, para isso utilizei os slides que havia preparado. Achei melhor mudar os planos, iria ler exemplos de crônicas e de resenhas, mas preferi explicar o projeto e mostrar exemplos de suportes onde poderão encontrar os gêneros. **Durante a explicação, percebi que os alunos fizeram caras de assustados** (Diário 1, 09/08/2017).

Em geral, o diário é produzido pelo pesquisador tendo ele mesmo como interlocutor principal, mas pode ter também como interlocutores outros pesquisadores

ISSN: 29659825

e inclusive ser integrados ao relatório de pesquisa ou outro trabalho a que se preste enquanto dado.

Quadro 1: Contexto de produção do diário de campo

ASPECTOS NORTEADORES	CARACTERÍSTICAS ENCONTRADAS NOS EXEMPLARES
Modalidade do gênero: oral ou escrita	Modalidade escrita
Esfera em que circula/meio de circulação	Circula em ambiente restrito e pessoal, em geral, em um caderno ou arquivo digital do computador do pesquisador ou de um grupo de pesquisa
Emissor/papel social	Pesquisador – aplicador da pesquisa
Destinatário/papel social	O próprio pesquisador ou outros pesquisadores
Objetivo do texto	Registrar dados da aplicação da pesquisa
Conteúdo temático	Apresenta como foi a aplicação, o que ocorreu durante uma situação de pesquisa (reunião, aula, dia de trabalho observado)
Suporte	Caderno ou arquivo digital
Contexto imediato	Produção do diário logo após cada aula, ao chegar em casa.
Contexto mais amplo	Os diários foram produzidos no segundo semestre letivo de 2017, durante a aplicação de uma ferramenta didática para alunos do quarto semestre do curso de Pedagogia de uma instituição privada de ensino.
Intertexto	Os textos usados na aula e outros textos que foram utilizados durante a realização do diário.

Fonte: elaboração própria

Em relação ao intertexto, apesar da relevância do que foi lido por nós em determinadas datas, as leituras só se constituem relevância ao interferirem de forma explícita na aplicação da pesquisa. No caso do primeiro diário, há uma citação direta de um texto de Machado quando relato a posição dos alunos diante da necessidade de ler e escrever.

[...] Em minha concepção, as atividades podem motivar, mas é preciso que o aluno queira realizar as tarefas. Toda vez que me deparo com esta situação lembro-me de um trecho de Machado (2009, p.83):“Sendo a atividade educacional constitutivamente interativa, é preciso considerar que nele emerge uma dimensão de liberdade, pois o professor não pode agir diretamente sobre os processos mentais do aluno. Ele apenas vai criar espaços, ambientes que permitam que as transformações desejadas possam ocorrer, o que nunca está garantindo, dado que o aluno é o real agente de seu desenvolvimento e que sua liberdade pode levá-lo a recursar-se a *entrar nos ambientes* criados pelo professor, resistir a eles, ir em outra direção etc” (Diário 1, 09/08/2017).

O trecho acima apresenta uma citação de Anna Rachel Machado, durante o relato, mostra que naquele momento um amparo teórico e da própria autoridade para demonstrar que não cabia a nós agirmos pelo aluno, mas promover espaços para o

ISSN: 29659825

aprendizado. O intertexto entre o Diário 1 e o artigo de Machado estabelece uma relação direta, ou uma interferência, como diz Weber, sobre a atividade de aprendizagem e o papel de professor e dos alunos.

No diário 9, há a menção a um momento em que levamos para aula um autor teórico para explicar o conceito de “erro” para a turma.

Levei o livro do Dolz, Gagnon e Decândio que trata questão do **erro** do aluno, como forma de reconhecer as dificuldades para então superá-las. Li um pequeno trecho e recomendei o livro para as alunas, uma vez que o livro traz vários exemplos de textos de alunos do Ensino Fundamental I. Disse que este texto poderia ajudar aos professores que trabalharão com a produção nesse nível de ensino. Algumas alunas pediram para olhar o livro. (Diário 9, 04/10/2017).

Nesse caso, o texto citado é um livro que utilizamos para fundamentar um conceito pouco reconhecido no Brasil: a noção de “erro”. Essa questão foi levada para os alunos porque é o termo erro é pouco utilizado e mesmo condenado em avaliações pedagógicas. O livro de “Dolz, Gagnon e Decândio” citado interfere no diário porque mostra a tentativa por justificar uma determinada posição a partir de um aporte teórico. No diário 16, não há relação explícita com outro texto.

4.2 Os mecanismos enunciativos do diário de campo

Bronckart e Machado (2009, p. 58), ao discutir a atividade educacional produzida pelo docente, mostram que a análise do nível enunciativo “incide sobre os mecanismos de responsabilização enunciativa em geral”, a partir do emprego de várias unidades linguísticas, dentre elas estão as “marcas de inserção de vozes, de modalizadores do enunciado, de modalizadores subjetivos e de adjetivos”.

Em relação aos modalizadores do enunciado, Bronckart e Machado (2009, p. 61) consideram que aquelas unidades linguísticas que manifestam a “posição de uma instância enunciativa sobre o conteúdo da proposição enunciada, explicitando o grau de verdade (*modalizações lógicas*), ou de necessidade (*modalizadores deônticos*) ou de avaliação subjetiva (*modalizações apreciativas*)” (itálico dos autores), tomada pela instância enunciativa diante do conteúdo. Há também uma modalização chamada de

ISSN: 29659825

pragmática por Bronckart (1999, p.332), cuja responsabilidade recai sobre uma entidade, personagem ou grupo a respeito do agente, “e atribuem a esse agente intenções, razões (causas, restrições, etc.) ou ainda capacidades de ação”. Os autores alertam, porém, para a possibilidade de um “grau zero” no emprego de modalização, quando há uma informação em que não se consegue identificar uma avaliação por parte da instância enunciativa, quando há uma constatação.

Partindo das ideias de Bronckart (1999), o quadro 2 a seguir sintetiza os quatro tipos de modalização e suas funções da modalização.

Quadro 2: Características das modalizações

MODALIZAÇÃO	FUNÇÃO	EXEMPLOS
lógica	Evidenciar avaliação de conteúdo temático, com base em critérios sistematizados em um ponto de vista objetivo, criando um efeito de sentido de “atestado” da condição de verdade	necessariamente, provavelmente, evidentemente, é evidente que..., tecnicamente, historicamente, primeiramente, São empregados neste tipo de modalização lógicas: advérbios, locuções adverbiais, verbos auxiliares de modo, verbos no futuro do pretérito.
deôntica	Evidenciar avaliações do conteúdo temático com base em opiniões, explicitando dever ou obrigação de acordo com normas sociais.	Esta atitude deve ser tomada. A atividade pode ser feita em casa. querer/ dever/ poder/ ser necessário/ é preciso que... São empregados neste tipo de modalização: verbos que podem funcionar como auxiliares de modo (crer, pensar, gostar, desejar, ser obrigado, ser constrangido a) e verbos no futuro do pretérito.
apreciativa	Evidenciar avaliações a partir da visão de quem está julgando	Infelizmente, felizmente, estranhamente, curiosamente São empregados na modalização: advérbios e orações adverbiais.
pragmática	Evidenciar avaliações da responsabilidade da uma entidade ou grupo social, explicitando ações, intenções e razões.	Ela quis sair, mas não pôde . Se ele pudesse , teria escolhido outra forma de ação.

Fonte: elaboração própria com base em Bronckart (1999)

No Diário 1, em termos quantitativos, as modalizações que mais apareceram foram a modalização *deôntica* (**precisarei**) e a modalização *apreciativa* (**mais, maior, melhor**) em relação a forma como nos autoavaliamos:

Dei-me conta que **precisarei** ficar **mais** atenta ao tempo e não dispersar com repetições daquilo que já disse. Acho a redundância, falar várias vezes a

ISSN: 29659825

mesma coisa é o meu **maior** problema. **Precisarei** controlar **melhor** o meu tempo (Diário 1, 09/08/2017)

Em “**precisarei** ficar **mais** atenta”, vemos a ideia do dever (**precisarei**) da professora em controlar a si mesma em relação ao aproveitamento do tempo. O uso de “precisarei”, modalização deontica demonstra a preocupação da autora com a sua função dentro da aula, assumindo a responsabilidade com o andamento da aula. Pensando que o texto foi escrito logo depois da aula, verificamos que há um processo de reflexão, é reforçado pelo emprego das modalizações apreciativas com uso das palavras intensificadoras (adjetivos e advérbio) que demonstram a avaliação suas dificuldades. Em poucos momentos do Diário 1, são encontradas as modalizações lógicas e pragmática.

No Diário 9, segue também o mesmo viés do Diário 1, com um maior número de modalização *deontica* e *apreciativa*, evidenciando as obrigações da professora-pesquisadora. Mas há trechos em que é utilizada a modalização lógica que configuram algo certo como em:

Primeiramente, os alunos mandarão as crônicas argumentativas digitadas para que eu possa montar os painéis que ficarão expostos durante o Encontro de Iniciação Científica da instituição. [...] Fiz uma lista de obras, a maioria disponível *on-line* **gratuitamente**, para que cada uma escolha uma obra. (Diário 9, 04/10/2017).

Os dois termos em destaque causam um efeito de objetividade, como um conteúdo atestado, sem margem para uma avaliação do leitor, isto é, **primeiramente** “os alunos mandarão as crônicas digitadas” e “gratuitamente” traz a informação de que a professora-pesquisadora se preocupou em procurar obras gratuitas para que as alunas fizessem a resenha sem precisar comprar o livro. O registro desse dado no diário mostra que a autora quer destacar seu empenho na produção da atividade.

O diário 16 apresenta um maior número de modalização apreciativa, com avaliação da professora-pesquisadora sobre o processo, contudo em um momento encontramos a modalização pragmática:

Depois que a maioria foi embora, cinco alunas ficaram na sala e me disse gostaram muito das aulas. Me disseram **ter sido difícil**, porém importante. Disseram que a turma não **está acostumada** a realizar o trabalho **de forma organizada**. Me agradeceram. **Realmente** fiquei **feliz**. **É difícil** alcançar a todos, mas **é necessário** buscar. Mas percebo que alguns entenderam o objetivo das atividades e da disciplina. De fato, estou **satisfeita** com os resultados obtidos até o momento. (Diário 16, 29/11/2017).

Em “me disseram **ter sido difícil**”, “a turma não **está acostumada** a realizar o trabalho **de forma organizada**”, verificamos que é a voz das alunas, que avaliam o processo desenvolvido durante a aplicação da sequência didática. A maneira como as alunas manifestaram é retratada pela professora-pesquisadora no diário como algo positivo, pois esse trecho é seguido por outro com modalizações apreciativas “**Realmente** fiquei **feliz. É difícil** alcançar a todos, mas **é necessário** buscar” e “...estou **satisfeita**” cuja função é evidenciar o sentimento com o comentário das alunas.

Outra modalização que foi identificada é *apreciativa* que aparece quando a diarista evidencia sua avaliação em relação aos alunos:

Falei um pouco sobre a origem da crônica. Nesse momento, percebi um interesse **maior** das alunas. Quando falei sobre a **necessidade** de produzir textos, **pareceu-me** que alguns alunos não estavam de acordo com a proposta. (Diário 1, 09/08/2017).

Em “percebi um interesse **maior** das alunas” e “**pareceu-me** que alguns alunos”, encontramos um julgamento que parte apenas de uma observação da diarista. Nestes casos, há um registro subjetivo que conta apenas uma percepção da diarista e não um dado factual.

Mesmo que o diário tenha sido produzido para registrar dados das aulas e não tenha sido usado como uma forma de “catarse”, é possível reconhecer pela modalização empregada que a professora-pesquisadora-diarista demonstra em sua produção de linguagem um grau de subjetividade que se aproxima do objetivo de um diário íntimo. Essa relação já foi descrita por Weber (2009) quando afirma que o diário de campo na verdade imbrica uma relação entre três diários: o de campo, o de pesquisa e o íntimo. Segundo a autora, neste último, são encontrados os “humores” e as “emoções” de seu produtor, que não poder analisado sozinho, porque não é suficiente para revelar a dimensão da pesquisa, mas faz parte dela dentro do contexto de um conjunto de dados.

A respeito das vozes, a voz que mais aparece é, claramente, a do autor:

Fiz um *Print Screen* das telas do site da faculdade, onde está hospedada a revista, para mostrar como acessá-la. Capa, sumário e as edições, tipos de contribuições da revista e também normas para a publicação. **Citei** os

ISSN: 29659825

gêneros acadêmicos que circulam nestas revistas e **percebi** que **alguns se interessaram pelo assunto, perguntaram os motivos pelos** quais há mais artigos científicos nas revistas acadêmicas que outros gêneros e o que seria uma escrita livre e criativa. [...]Algumas alunas **reclamaram** de ter de ler um livro para fazer a resenha. Outra aluna me **perguntou** sobre a avaliação. (Diário 1, 09/08/2017).

Nos diários 1, 9 e 16, o emprego do verbo em primeira pessoa do singular, como em **fiz, citei, percebi**, é recorrente para explicitar a realização das ações feitas pela professora-pesquisadora. Em alguns momentos, verificamos o uso da voz de personagem (alunos) de “alguns se interessaram pelo assunto, **perguntaram** o motivo”, “algumas alunas **reclamaram**”, “Outra aluna me **perguntou**”, por meio do discurso indireto.

No mesmo sentido, encontramos a voz de outros profissionais da educação, no caso da diretora da instituição quando houve uma dispensa de uma parte da aula:

[...]A diretora da instituição **mostrou** um relatório com várias informações sobre o número de alunos ingressantes, desistentes e concluintes. **Mostrou** que há uma equipe de funcionários do grupo todo tentando identificar os motivos que levam os alunos a desistirem. **A equipe fez uma** pesquisa com os desistentes que apontou que o maior número de desistência ocorre pela dificuldade em pagar as mensalidades. (Diário 9, 04/10/2017).

Esses profissionais podem ser considerados aqui como personagens que estão implicados no processo de aplicação da pesquisa, uma vez que determinam a dispensa dos alunos e mudança nos planos do professor.

Uma voz que aparece é a dos autores, como no caso do Diário 1, quando há uma citação, uso do discurso direto, de uma parte do texto de Machado, mencionada aqui na relação de intertexto.

No Diário 9, a voz social aparece em dois momentos também em:

O curso de Pedagogia fará parte do evento e nesses dias não haverá aula. [...]A reunião não teve interesse acadêmico e na verdade pouco interessante. Porém, **como é uma instituição particular** que depende dos alunos, é necessária a divulgação para que os alunos se matriculem. (Diário 9, 04/10/2017).

No primeiro caso, a voz social é identificada em “curso de Pedagogia”, isto é, docentes e discentes, integrarão o evento institucional. Já no segundo momento, a voz social aqui não pode ser atribuída a um único agente, mas “a toda instituição”, que

ISSN: 29659825

representada pela direção e sua equipe, dispensa os alunos para fazer uma reunião e solicitar a divulgação dos cursos para que os alunos se matriculem.

5 Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos como os mecanismos enunciativos (modalização e vozes) foram incorporados durante a escrita de nossos diários de campo, em um contexto de produção específico, ou seja, durante a aplicação de uma ferramenta em uma sala de aula cujos dados serviram de *corpus* para uma pesquisa de doutorado. Durante a realização da pesquisa, entre várias fontes, o diário de campo se constitui em recurso não só para coleta de dados, mas sobretudo um instrumento para a reflexão e reelaboração dos acontecimentos durante a atividade.

Partimos da premissa de que o diário de campo realizado durante a pesquisa consiste em uma fonte de informações para o próprio pesquisador que engloba tanto aspectos objetivos (datas, descrição de situações e acontecimentos) e aspectos subjetivos, como emoções do próprio pesquisador-diarista.

Em nossos diários de campo, encontramos uma presença bastante forte de modalização apreciativa cujo objetivo era justamente justificar e avaliar suas ações no momento da aplicação. Como o diário fora escrito, momentos depois do término das aulas, a professora-pesquisadora registrou suas impressões e dificuldades. A identificação dos mecanismos enunciativos permitiu reconhecer mais que informações, as percepções do professor-pesquisador diante dos acontecimentos.

Ao lançar mão da modalização apreciativa em grande quantidade, notamos a preocupação da autora se justificar ao relatar as ocorrências, demonstrando seu julgamento em relação aos alunos e às suas próprias atitudes. Isso se liga também ao uso da voz do autor, a mais empregada, já que é da professora-pesquisadora-diarista que partem as avaliações dos alunos (personagens).

O distanciamento cronológico mostra que o próprio diário pode ser submetido a uma novo esse estudo, para proporcionar ao pesquisador uma “autoanálise”. Em nosso caso, uma reflexão sobre aquilo que aparentemente não tem valor durante a elaboração da tese.

ISSN: 29659825

Por fim, consideramos que o diário de campo não é apenas um expediente para registrar situações fatuais da investigação científica, é, sobretudo, um instrumento “do” e “para” o pesquisador, capaz de, por meio da linguagem escrita, ajudar a desenvolver a reflexão sobre o próprio processo de pesquisa.

Referências

- BRONCKART, J-P. (2015). Entrevista. [Entrevista cedida a Rivadavia Porto Cavalcante. *Revista Prolíngua*, v. 10, n. 3, nov/dez, p.105-117. Disponível em:< <http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/viewFile/28708/15293>>. Acesso em 24 jul.2020.
- BRONCKART, J-P. (2006) *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução e organização Anna Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- BRONCKART, J-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ.
- FALKEMBACH, E. M. (1987). Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e educação*. Ano 2, n.7, p.19-24, jul./set.
- FRIEDRICH, J. (2012). *Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica*. Tradução Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- GIL, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- HENRIQUE, M.A.B. *Seqüências Didáticas para o argumentar em curso de Pedagogia: a produção escrita da crônica argumentativa e da resenha crítica*. 2019. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista (UNESP-IBILCE), São José do Rio Preto, 2019.
- MACHADO, A. R; BRONCKART, J.P. (2009). (Re-) configuração do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: MACHADO, A. R. *Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Organização Vera Lúcia Cristóvão e Lília S. Abreu-Tardelli. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- MACHADO, A. R. (1998). *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes.
- OLIVEIRA, M. K. (2005). *Vigotski: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 4 ed. São Paulo: Scipione.

ISSN: 29659825

TRIVIÑOS, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

VIGOSTKI, L.S. (2008). *Pensamento e linguagem*. Tradução Jefferson Luiz Camargo e revisão José Cipolla. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.

ZABALZA, M. A. (2004). *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WEBER, Florence. (2009). A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, Dec. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200007&lng=en&nrm=ison Acesso em 20 July 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>.

Pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE: 57625816.6.0000.5466). Data da aprovação pelo CEP: 19/09/2016.

Recebido em: 23-10-2024

Aceito em: 22-11-2024